Unimed

BRDE CRÉDITO PARA INOVAR E DESENVOLVER.

JULIANO ARNOLD/DIVULGAÇÃO

Macega Show é a bandinha típica que anima a Oktoberfest e outros eventos na região

Quando a bandinha toca, não dá para ficar parado

Música faz parte da herança cultural transmitida há gerações nas colônias alemãs da região

A música sempre fez parte do dia a dia dos imigrantes, ganhando vida por meio das valsas, polcas, dobrados, xotes, corridos, marchas e mazurcas.

De início, eram dois ou três amigos que se juntavam para tocar algumas canções que matavam a saudade da terra natal.

Muitas das partituras chegaram junto com os navios, tantas outras foram compostas nas colônias e até hoje surgem novas músicas, inspiradas por essa herança bicentenária.

Segundo o historiador Martin Dreher, entre os imigrantes sempre houve alguns que tocavam instrumentos, principalmente de cordas.

"Esses instrumentos se tornavam importantes após a venda da safra, quando o depósito da venda estava vazio e ali podia acontecer um baile, animado pelos músicos da picada", pontua.

Esse conjunto passou a ser chamado carinhosamente de bandinha típica, marca registrada de qualquer momento de comemoração em cidades da imigração.

Dentre elas, está a Bandinha Típica Macega Show, que há 35 anos tem compromisso que nunca sai da agenda. O conjunto é a bandinha oficial da Oktoberfest de Igrejinha desde a primeira edição.

DIVULGAÇÃO

Família Sander sempre teve a música presente

Macega Show

A história da Macega Show começou em 1965, por meio da família Sander, formada por músicos. Quem sabe o enredo de cor é o gerente da banda, Anibal Sander, 79 anos, o Sandinha, saxofonista.

Foi com 10 anos que ele começou a tocar com o conjunto formado pelo pai, Ardoino Carlos Sander, e os tios. Além disso, Sandinha ainda tocou o avô, Frederico Sander, um dos fundadores da banda Flor da Serra.

"Os músicos tocavam violiono, gaita, flauta e clarinete. Não existia eletrônico nenhum. Tudo feito manualmente. Isso aqui era banda real mesmo", destaca.

Há 54 anos, a Macega Show conta um instrumento de percussão peculiar, o marimbau que, teve como músico titular durante décadas, Nelson Guido Müller, 87 anos. "Foi ele que inventou essa tábua cheia de latas", explica Sandinha.

Hoje Sandinha administra o conjunto e é o responsável por animar o público.

Além disso, tem uma preocupação quanto ao futuro das bandinhas típicas. "Já olhou os músicos naquela tradição de antigamente? Estão tudo com 70 anos ou mais. Músico novo pouco se cria", lamenta.

Por fim, ele diz que não adianta tocar triste, pois o músico precisa transmitir alegria.

Choppão: do restaurante para todo o Brasil

Com três prêmios Vítor Mateus Teixeira de melhor bandinha típica do Rio Grande do Sul, reconhecimento ofertado pela Assembleia Legislativa, a Super Banda Choppão está sempre com o pé na estrada.

Criada há 40 anos, o grupo que nasceu em Brochier e depois se instalou em Montenegro, ontem (28) viajou para o Mato Grosso, onde animaria dois bailes.

Quem lidera a banda é Fernando Schönell, 49 anos, que vem de uma família de músicos. Tudo começou com seu bisavô, Ferdinando Schönell que ensinou seu avô, Otávio, a tocar trompa.

Depois seu pai, Flávio Felipe, aprendeu a tocar trombone, e Fernando, tornou-se saxofonista. Hoje, seu filho Artur, com 12 anos, também está no "mundo dos metais" e toca trompete. "A música é uma coisa de família", garante.

A Choppão começou em 1983, como banda exclusiva do Restaurante Choppão, em Porto Alegre, com apresentações diárias durante seis anos, só com músicas alemãs.

Após esse período, passou a tocar no restaurante e animar festas e bailes em outros locais. Tocou no restaurante por 17 anos.

A banda é presença confirmada nas Oktoberfest de Santa Cruz do Sul e Igrejinha e em festas típicas da imigração alemã, como bailes de Kerb e Festas do Colono.

Já passou por salões de Brasília, Bahia e no Paraguai, onde se apresenta com frequência.

DIVULGAÇÃO

Banda Luar de Montenegro

Banda Luar produziu "hits" que ainda hoje são tocados nos bailes

O baile era um evento na vida da colônia, pois marcava um momento de diversão e vida comunitária. Tanto que qualquer salão, fosse da venda, da sociedade ou da igreja era usado para a festa.

Este gosto pela dança e pela música fomentou a formação de diversas bandas e, ao longo do tempo, acabou dando origem ao estilo que hoje popularmente é chamado de "bailão". O novo estilo passou a contar com instrumentos eletrônicos e letras para as composições.

Aqui pela região, podemos lembrar da Flor da Serra, criada em 1921 em Gramado e hoje com sede em Portão, e do Rainha Musical, que nasceu em 1920 como O Jazz Rainha, no distrito de Vale Real, São Sebastião do Caí (atualmente está em Ivoti). Os conjuntos nesta época eram chamados de jazz porque tinham bateria.

Sem migrar para o bailão, a Bandinha Luar, de Montenegro, fez história com o repertório típico. Quem costuma ouvir programas de rádio ou até mesmo busca por playlist temática, sempre encontra composições do grupo que começou na década de 1950, em Brochier, e foi até 1993.

"Tocavam polca, maxixe, valsas e também faziam algumas coisas inovadoras. Chegaram até a gravar música do Tim Maia no formato instrumental", pontua o professor e músico Adriano Krahl, 45 anos.

Aliás, com 11 anos Krahl tocou na última formação da Banda Luar, em 1991. Vale lembrar que o pai de Fernando Schönell (leia ao lado) também tocou na Luar.

Em julho de 1993, os antigos integrantes da banda se reuniram e fundaram a Super Banda Hopus, no qual Krahl toca até hoje, com o propósito de fomentar a música alemã.

Inclusive, eles lançaram em 2023 a música *Já faz 200 anos*, em comemoração ao bicentenário. Um dos versos diz. "Continuamos com a cultura que trouxeram ao Brasil. Superaram preconceitos e tristezas. Hoje temos o respeito, muita festa e alegria, também temos muitos povos irmanados com o alemão. Liebe freunde, schöne puwa e também lindas gurias".

DIVULGAÇÃO

Super Banda Hopus lançou "Já faz 200 anos", em homenagem ao bicentenário da imigração